

As salas especializadas do Ginásio Paranaense e a constituição do patrimônio educativo do Colégio Estadual do Paraná

Resumo

O Ginásio Paranaense foi uma instituição de ensino secundário, criada em 1892, na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Este artigo tem como objetivo analisar a organização das salas especializadas desse educandário, bem como o percurso dos objetos que as compunham, os quais se constituem como patrimônio educativo do Colégio Estadual do Paraná. O edifício utilizado como objeto de estudo foi construído no ano 1904 e utilizado pela instituição até 1949; esse prédio ainda se encontra em uso, sendo hoje sede da Secretaria da Cultura do Estado do Paraná. A análise foi desenvolvida a partir do questionamento a respeito da formação das salas ambiente e de como a constituição material desses espaços influenciou na composição do acervo do Colégio Estadual do Paraná. A fim de analisar a composição material das salas ambiente foram utilizadas fotografias desses espaços, assim como inventários de materiais feitos por professores responsáveis pelas disciplinas. A discussão foi delimitada sob a ótica dos conceitos de cultura material escolar e patrimônio educativo, sendo os principais referenciais teóricos os trabalhos de Rosa Fátima de Souza, Antonio Viñao Frago e Marcus Levy Bencostta.

Mariana Rocha Zacharias
Universidade Estadual do Paraná –
UNESPAR – União da Vitória/PR
mariana.zac@gmail.com

Palavras-chave: instrução secundária; cultura material escolar; patrimônio educativo.

Para citar este artigo:

ZACHARIAS, Mariana Rocha. As salas especializadas do Ginásio Paranaense e a constituição do patrimônio educativo do Colégio Estadual do Paraná. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 253-279, jan./abr. 2023.

DOI: 10.5965/1984723824542023253

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824542023253>

Ginásio Paranaense specialized rooms and the educative heritage constitution of the Colégio Estadual do Paraná

Abstract

The Ginásio Paranaense was a secondary education institution, created in 1892 in Curitiba, Paraná. This article's main goal is to analyse the structural organization in this learning venue, as well as the constituent elements characterizing it as Colégio Estadual do Paraná school heritage. This construction being studied was built in 1904 and used by the Institution until 1949; it is used to this day still, now as head office to the State of Paraná Secretary of Culture. This analysis was developed from questions about the creation of diverse learning rooms and how the physical structuring of these locations influenced the Colégio Estadual do Paraná collection. In order to analyze the material constitution of the diverse learning rooms, photographs were used, as well as supplies inventories made by professors responsible for the school subjects. The discussion was outlined by the perspective of concepts of school material culture and educational heritage, with the main theoretical references being the works of Rosa Fátima de Souza, Antonio Viñao Frago and Marcus Levy Bencostta.

Keywords: secondary instruction; school material culture; educative heritage.

Las salas especializadas de Ginásio Paranaense y la constitución del patrimonio educativo del Colégio Estadual do Paraná

Resumen

El Ginásio Paranaense fue una institución de enseñanza secundaria, creada en 1892, en la ciudad de Curitiba, estado de Paraná. Este artículo tiene como objetivo analizar la organización de las salas especializadas de ese educandario, así como el recorrido de los objetos que las componían, los cuales se constituyen como patrimonio educativo del Colégio Estadual do Paraná. El edificio objeto de estudio fue construido en 1904 y utilizado por la institución hasta 1949; este edificio todavía está en uso, y hoy es la sede de la Secretaría de Cultura del Estado de Paraná. El análisis se desarrolló a partir del cuestionamiento sobre la formación de las salas ambientales y cómo la constitución material de estos espacios influyó en la composición de la colección del Colégio Estadual do Paraná. Con el fin de analizar la composición material de las salas ambiente se utilizaron fotografías de estos espacios, así como inventarios de materiales hechos por profesores responsables de las asignaturas. La discusión se planteó en la perspectiva de los conceptos de cultura material escolar y patrimonio educativo, teniendo como principales referentes teóricos los trabajos de Rosa Fátima de Souza, Antonio Viñao Frago y Marcus Levy Bencostta.

Palabras clave: educación secundaria; cultura material escolar; patrimonio educativo.

1 Introdução

De forma resumida, o conceito de cultura escolar pode ser definido como as práticas cotidianas e as prescrições legais as quais, em conjunto, foram delineando os modos de fazer e construindo historicamente os conhecimentos e valores transmitidos e vivenciados pelo conjunto de sujeitos formadores de uma escola. Também fazem parte da cultura escolar as relações entre os sujeitos e, ainda, a maneira como estes se relacionam com o ambiente. Assim, cada instituição pode possuir uma cultura própria com um conjunto de valores e práticas específicos.

O pesquisador espanhol Ramón López Martín expressa com clareza o conceito de cultura escolar, ao compilar a visão de vários teóricos do assunto:

han puesto de relieve que la cultura de la escuela, como producto típicamente escolar, queda configurada en un entramado de normas, teorías y prácticas que, sedimentadas a lo largo del tiempo y interactuando de forma sinérgica, se materializan en los modos de pensar y se transmiten de generación en generación entre los miembros de la comunidad escolar, con la capacidad firme de explicar numerosos aspectos del funcionamiento real de estas instituciones. (LÓPEZ MARTÍN, 2013, p. 27)

Tendo em vista a diversidade e complexidade da noção de cultura escolar, destacamos o alerta de alguns pesquisadores em relação a esse aspecto. Entre eles está o professor Antonio Viñao Frago (1995), o qual trabalha com a ideia de culturas escolares por considerar essencial a existência de tipos diferentes de cultura na escola, sendo que uma dessas modalidades está justamente relacionada à materialidade do cotidiano escolar. Expressa em seus objetos e em suas respectivas funções, essa modalidade é compreendida como cultural material escolar.

Os mais variados objetos que compõem o conjunto material de uma escola, bem como sua organização espacial, podem revelar aspectos diferentes da cultura escolar, se comparados com as informações presentes nos documentos escritos. Assim, a cultura escolar pode ser compreendida a partir das práticas cotidianas, as quais deixam marcas na materialidade que a compõe.

Por exemplo, o uso de determinado material pedagógico pode ser prescrito na legislação educacional, nos programas de ensino, chegar a ser adquirido pela escola, mas nunca utilizado. Somente as marcas deixadas pelo uso ou desuso podem transmitir esse tipo de informação. Ademais, as escolhas feitas em relação à composição dos ambientes, englobando todo o conjunto arquitetônico, inclusive a decoração, podem revelar concepções pedagógicas e visões de mundo.

Segundo Escolano Benito (2010), os objetos podem ser entendidos como as marcas deixadas pelo tempo, contudo, estes compõem a caixa preta da escola. Significa que os objetos fazem parte de um universo misterioso, pois a caixa preta é algo que está escondido e os historiadores precisam encontrar. Para o autor, contudo, o desafio precisa ser empreendido, pois a valorização da cultura material na historiografia referente à escola corresponde a uma virada epistemológica importante.

Essa virada epistemológica está relacionada ao entendimento da materialidade como parte integrante da cultura escolar, fato que enriquece as possibilidades de análise. Para tanto, de acordo com Bencostta (2013) é necessário que os pesquisadores ultrapassem a mera descrição e construam explicações a partir dessa materialidade, para que objetos e imagens não sirvam apenas de ilustrações no conjunto das fontes. Segundo o autor, é preciso relacionar os objetos com as apropriações que os sujeitos fizeram dos mesmos e ainda analisar as representações sociais que essas relações podem ter gerado em diferentes contextos.

As instituições escolares são lugares onde se constroem culturas materiais e tecnologias próprias, as quais acabam controlando a dinâmica de funcionamento dos estabelecimentos. A tecnologia, contudo, não é neutra, pois ao aspecto físico dos materiais, também se acrescenta um conjunto de valores. Assim, a materialidade em si, acrescida desses valores, define as concepções que norteiam o trabalho pedagógico. Portanto, compreender as mudanças causadas pela inserção de tecnologias externas é imprescindível para a apreensão das práticas escolares (ESCOLANO, 2010).

A enorme diversidade que compõe a materialidade da escola – edifícios, mobiliário, equipamentos e materiais pedagógicos, documentos produzidos e arquivados em âmbito institucional, fotografias, manuais didáticos, livros, cadernos, troféus, uniformes – constituem o patrimônio histórico-institucional de um grande número de

escolas brasileiras. Infelizmente, parte desse patrimônio das escolas ainda não possui tratamento adequado, estando em estado de depósito.

Esse material guardado ao longo do tempo tem sido tratado, por pesquisadores da área, sob a denominação de patrimônio educativo. Existem hoje no Brasil várias iniciativas relacionadas à organização e disponibilização de documentos escolares para pesquisa, através da constituição de arquivos, museus ou centros de memória. A maioria dessas iniciativas foi empreendida por pesquisadores ligados às universidades, atendendo, em parte, ao interesse acadêmico relacionado às demandas de investigação. Os documentos escritos foram priorizados pela maioria dos projetos, sendo ainda um grande desafio pensar na conservação tanto de objetos, quanto do patrimônio imaterial.

Discutir o patrimônio educativo existente no Brasil, hoje, pressupõe compreender as políticas relativas ao patrimônio cultural em seu conjunto. A partir da criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1936, surgiram as primeiras políticas de preservação do patrimônio cultural, contudo, durante muito tempo tais políticas ficaram isoladas, tendo pouca expressão no conjunto da política nacional. Por exemplo, o SPHAN, durante várias décadas, teve suas atenções voltadas somente ao patrimônio edificado (FONSECA, 2009).

No período de abertura democrática, com o fortalecimento de vários movimentos sociais aliados às comunidades de base, o debate acerca da cultura nacional ganhou espaço, chegando, ainda que timidamente, às discussões que originaram a Constituição de 1988. Na Carta Magna, as questões que envolvem a preservação do patrimônio não foram deixadas de lado, representando um avanço em relação às Constituições anteriores¹.

Contudo, foi nos últimos vinte anos que assistimos a um movimento de ampliação das políticas de preservação do patrimônio cultural. Por exemplo, a consolidação dos conceitos de patrimônio imaterial e patrimônio natural, junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), através do registro e divulgação de diversos ícones nacionais pertencentes a essas categorias.

¹ A art. 206 da CF de 1988 trata do patrimônio cultural e deixa claro o papel do Estado em relação ao mesmo: “§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.” (BRASIL, 1988, art. 206).

Embora nossas políticas culturais, tanto regionais quanto federais, ainda sejam muito deficitárias, o alargamento conceitual é importante para trazer à tona essas deficiências. O conceito de patrimônio educativo, ainda muito recente no Brasil, pode se popularizar na medida em que os projetos ganhem mais visibilidade perante as comunidades escolares.

A preservação do patrimônio educativo é assunto em pauta em alguns grupos de estudos brasileiros, os quais vêm utilizando a cultura material da escola como fonte e como objeto de investigação. De acordo com Rosa Fátima de Souza (2013b), há uma necessidade premente de inclusão do patrimônio escolar em um contexto mais amplo de discussões teóricas e no debate político sobre preservação. Sobre esse debate, assim afirma a autora:

Os grandes temas em debate nesse campo atualmente são as tensões entre o particular e o universal, o público e o privado, os desafios postos pelo patrimônio imaterial, a necessidade de uma política nacional de acervos digitais para a democratização da informação, o papel da educação patrimonial, a garantia de efetividade das políticas de preservação e a banalização do patrimônio histórico pela conversão de seu valor de uso em valor econômico e as consequências de sua exploração pelo turismo e pela indústria cultural, indiferente ao desenvolvimento sustentável. (SOUZA, 2013b, p. 204)

A questão da preservação pressupõe, também, que as comunidades compreendam que são responsáveis por seu próprio patrimônio. Incluir o patrimônio educativo nesse debate político pode fortalecer a relação de indivíduos adultos com as escolas, além de reafirmar o papel social das instituições escolares.

Muitas das iniciativas de preservação da documentação escolar possuem como justificativa a utilização de tais documentos como fonte para pesquisa. Tal justificativa é válida, contudo, não deve ser a única ou a principal, pois o patrimônio deve servir primeiramente à própria comunidade escolar. Dessa forma, problematiza-se o papel social de preservação da memória, pois preservar o patrimônio da educação é muito mais do que apenas resistir ao esquecimento em relação à escola do passado; é, principalmente, contribuir para a construção de uma escola no futuro (SOUZA, 2013b).

Valorizar e salvaguardar o patrimônio das escolas significa antes de tudo, preservar a memória coletiva. Além disso, constitui uma forma de reconhecimento do papel e importância da educação para o conjunto da sociedade. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar e divulgar o patrimônio educativo paranaense, em especial do ensino secundário público, partindo do acervo histórico do Colégio Estadual do Paraná. Foram analisadas as coleções pedagógicas adquiridas ou organizadas a partir da constituição das salas ambiente do Ginásio Paranaense, entre as décadas de 1920 e 1940.

2. As salas especiais do Ginásio Paranaense

No ano de 1904 foi construído, na cidade de Curitiba, um edifício escolar que tinha a finalidade de abrigar as instalações do Ginásio Paranaense (GP), instituição de ensino secundário, que até então havia funcionado em várias sedes improvisadas. Ademais, estavam anexadas ao Ginásio, a Escola Normal, compartilhando espaço físico e corpo docente, a Secretaria de Instrução Pública e a Biblioteca Pública da capital.

A história do ensino secundário público curitibano inicia-se em 1846 com a criação do Liceu de Curitiba. Nas primeiras décadas após a sua criação, essa modalidade de ensino teve um funcionamento instável, com um número reduzido de matrículas. Em 1876 foi criado o Instituto Paranaense, com o caráter de um instituto de preparatórios e também a Escola Normal de Curitiba. A partir desse período o número de matrículas foi aumentando gradativamente e o funcionamento do ensino secundário tornou-se mais estável. O Ginásio Paranaense, criado em 1892, já em contexto republicano, possuía, no início do século XX, um papel social elaborado, marcado pela formação das elites para as funções burocráticas estatais (ZACHARIAS, 2013).

A construção do edifício do Ginásio atendia aos pedidos de seus gestores, que desde o início da década de 1890, vinham escrevendo em seus relatórios a respeito da precariedade material da instituição. O prédio foi construído na gestão de Francisco Xavier da Silva, mesmo contexto de construção do primeiro grupo escolar (BENCOSTTA, 2005), que carrega o nome deste gestor.

É necessário compreender a inauguração desse edifício em um contexto mais amplo de adequação das edificações escolares ao desejo de modernização da própria

cidade. Havia um processo inicial de urbanização do centro da cidade, porém esse núcleo central estava ainda circundado de chácaras e colônias de imigrantes. Mesmo as construções centrais possuíam uma simplicidade evidente sendo, em sua maioria, casas de apenas um pavimento (ZACHARIAS, 2013).

Na imagem a seguir (Figura 1), temos um postal trocado entre um casal de namorados e a moça que o envia afirma estar encaminhando um “belo edifício de ensino”. O edifício do Ginásio recebeu destaque no período em que foi construído, sendo utilizado em postais da cidade de Curitiba, devido à sua beleza e destaque em relação ao conjunto de edificações existentes no entorno.

Figura 1: Postal Ginásio Paranaense, 1907



Fonte: Acervo Casa da Memória de Curitiba.

A imponência dessa edificação, comparada às demais em seu entorno, está relacionada à importância que a sociedade determinava à educação. Essa relação de importância, contudo, é complexa, pois a arquitetura está sendo entendida como uma representação e, enquanto tal, transmite aquilo que o grupo social dominante desejou demonstrar de si mesmo.

A beleza desse edifício (Figura 2) ainda hoje chama atenção dos transeuntes mais atentos. Sua fachada é composta por várias colunas, tendo ao centro uma torre com um relógio. Entrar nesse prédio é como mergulhar no tempo, pois se encontra bem preservado e abriga as instalações da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC). O hall de entrada, utilizado à época como pátio interno para o descanso dos alunos, hoje serve como espaço de exposições da SEEC. Muitos aspectos da arquitetura e da organização interna da edificação chamam atenção, a exemplo da torre que, além do relógio, possui até hoje dois grandes sinos.

Figura 2: Edifício da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 2013



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nesta análise foram priorizadas as salas de aula, devido à ênfase dada aos materiais pedagógicos. Grande parte desses objetos pedagógicos constituem hoje o patrimônio do Colégio Estadual do Paraná (CEP) e muitos habitam a memória de estudantes de diversas gerações. Entre os materiais está a coleção de animais taxidermizados, a qual compõe o ambiente de um dos corredores do colégio juntamente

à esqueletos de espécies variadas, coleções de insetos como borboletas e besouros, coleções de crustáceos, amostras botânicas, entre outros.

No início da utilização do prédio, as salas de aula eram comuns, contendo apenas os materiais básicos, a exemplo de carteiras americanas, mesa do professor e lousa; porém, ao longo do tempo, esses ambientes foram sendo aperfeiçoados. As primeiras salas especializadas presentes nos relatórios são os laboratórios de Física e Química. Os pedidos do professor Lysimaco Ferreira da Costa, que ministrava tais disciplinas, podem ser identificados a partir do ano de 1908. O professor, além de solicitar uma lista de materiais necessários para as aulas práticas, ainda pede que seja nomeado um preparador para auxiliá-lo (PARANÁ, 1908).

Não se sabe exatamente quando o pedido de materiais foi atendido, contudo, em documento do ano 1916, oito anos mais tarde, relata-se a nomeação de um estudante da Universidade do Paraná como preparador para auxiliar os laboratórios de Física e Química do GP. Nesse mesmo relatório, na relação das despesas da instituição, são percebidas verbas específicas para esses espaços e, também, há valores que correspondem ao laboratório de História Natural (PARANÁ, 1916).

Parte significativa dos objetos do Museu de História Natural, que incluíam vários animais taxidermizados, coleções de insetos, coleções botânicas e minerais, foram organizados pelo professor Guido Straube, catedrático da disciplina a partir do ano de 1926. O professor permaneceu nessa cadeira até o seu falecimento em 1937, tendo organizado diversas excursões com os alunos para realizar observações de campo em várias regiões do Paraná, principalmente no litoral. Straube também foi diretor do GP e teria doado diversos materiais que compunham o acervo de História Natural (STRAUBE, 1992).

A introdução de vários tipos de objetos na escola vem sendo estudada por vários pesquisadores e comumente é atrelada a movimentos pedagógicos internacionais, os quais tiveram repercussão no Brasil. O método intuitivo, também conhecido como lições de coisas pressupunha a educação dos sentidos (VALDEMARIN, 2004). Segundo Souza (2013a), tal método ganhou destaque como matriz discursiva na internacionalização do ensino ocorrida naquele período, sobretudo entre os séculos XIX e XX.

Na documentação encontrada não é possível identificar referenciais específicos, contudo, nos relatórios dos diretores constantemente está sendo evocada a Pedagogia Moderna ou os Métodos Modernos. Outra referência encontrada é o ensino intuitivo, presente em coleção de quadros datada de 1932, inventariada junto à cadeira de Geografia, sob a denominação de “Quadros Para o Ensino Intuitivo” (GINÁSIO PARANAENSE, 1932).

A publicação dos programas oficiais, ocorrida a partir da reforma Francisco Campos na década de 1930, trouxe definições mais precisas em relação ao que deveria ser ensinado em cada disciplina. Ao ensino de ciências passa a ser dada especial atenção e valorização, sendo que além das prescrições curriculares, os programas também continham orientações metodológicas, as quais incluíam a utilização de materiais específicos (ZANCUL; SOUZA, 2012).

Entre as décadas de 1920 e 1940 foi adquirida uma grande variedade de objetos pedagógicos e materiais de uso corrente para todas as disciplinas do GP, porém com certa atenção voltada ao ensino das ciências naturais. Não se pode afirmar que o aumento significativo dos materiais, percebido entre as décadas citadas, é fruto de uma reforma de ensino ou da introdução de um método específico. Esse aumento foi gerado por um conjunto de fatores, os quais incluem a iniciativa individual de professores e diretores, a influência do método intuitivo e do movimento da Escola Nova² e algumas prescrições geradas pela legislação educacional.

A seguir apresenta-se uma sequência de fotografias, pertencentes a um álbum, organizado no ano de 1941. Essas fotografias foram cuidadosamente produzidas com a finalidade de retratar os espaços do GP, bem como ressaltar seus ornamentos decorativos e seus artefatos educativos. As salas de aula são retratadas com os seus respectivos objetos pedagógicos, ressaltando a ambientação de cada cadeira/disciplina. No caso da ausência ou escassez de materiais pedagógicos, alguns mapas ou quadros

² A Escola Nova ou Pedagogia Escolanovista foi um movimento ocorrido em alguns países europeus, nos EUA e no Brasil e girava em torno da construção de um discurso educacional renovador, se contrapondo à uma pedagogia tradicional. Os intelectuais adeptos desse movimento pedagógico apregoavam que o conhecimento deveria ser adquirido através da experiência e, para tanto, deveria ser incorporado um amplo conjunto de materiais (VIDAL, 2003).

murais foram dispostos na parede ou em frente à lousa, de modo que nenhuma das salas de aula fosse retratada no álbum apenas com as carteiras e o quadro negro.

Essa coleção foi produzida pelo fotógrafo alemão Armin Henkel, um dos principais fotógrafos com estúdio na cidade de Curitiba à época. Esse profissional era especialista em cartões-postais e fotografia industrial; ele realizou viagens pelo Paraná, juntamente com sua esposa, retratando as paisagens, principalmente as do litoral (SALTURI, 2013).

Os laboratórios de Química e Física (Figuras 3 e 4) foram organizados por iniciativa do professor Lysimaco Ferreira da Costa, titular da cadeira intitulada Química e Física. Interessante notar que Lysimaco ressalta nos seus pedidos que, mesmo se tratando de apenas uma disciplina, eram necessários dois ambientes, por entender que se tratava de dois conteúdos marcadamente diferenciados. Entre os anos finais da década de 1920 e o início da década seguinte, houve um considerável aumento do número de materiais pertencentes ao ensino de ciências.

Figura 3: Laboratório de Física do GP



Fonte: HENKEL, 1941.

Figura 4: Laboratório de Química do GP



Fonte: HENKEL, 1941.

Foram utilizados três levantamentos feitos pela instituição – um do ano de 1919 (GINÁSIO PARANAENSE, 1919), outro de 1928 e, por fim, o inventário realizado no ano de 1932. Apesar de o último documento conter uma riqueza de detalhes maior e não conter itens como “diversos”, o que é possível identificar nos outros dois, o aumento de itens é muito expressivo. Somente do Gabinete de Física, de 100 itens existentes em 1928, ele passa a ter 487 itens no ano de 1932 (GINÁSIO PARANAENSE, 1932).

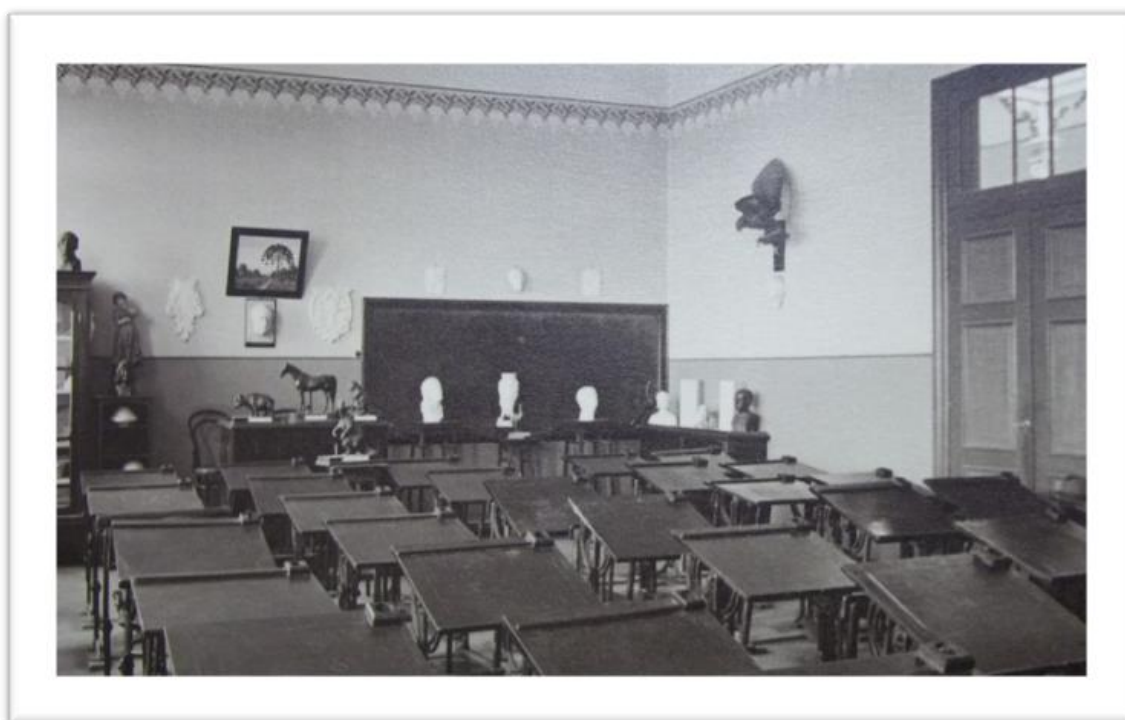
Algumas dessas salas especiais surgem na documentação escrita somente na década de 1940, quando foram iniciados os inventários por cadeira, pois, a partir desse período, passa a existir um livro de registro de materiais para cada uma das disciplinas do GP. Provavelmente, esses ambientes já haviam sido planejados e equipados no decorrer da década de 1930, porém os materiais são registrados a partir do ano de 1940 (GINÁSIO PARANAENSE, 1941).

Quanto à imagem da sala de Desenho (Figura 5), é composta de pranchetas com inclinação para desenho de observação. Também há vários modelos de gesso entre animais, bustos, baixos relevos florais e sólidos geométricos. Contudo, no inventário de materiais da cadeira de Desenho há um total de 136 itens, incluindo, além dos tipos de

materiais identificados na imagem, utensílios como canecas e tigelas de cerâmica (GINÁSIO PARANAENSE, 1941).

Nas fotografias que seguem (Figuras 6 e 7) há uma quantidade modesta de objetos pedagógicos. Mesmo não havendo legenda nas imagens, podemos identificar as salas pelos objetos que a compõem, comparando com alguns livros de inventários. Entende-se que a pretensão era representar as salas de História e Geografia, pois nessas duas imagens, destacam-se os quadros para o ensino de História, dispostos na parede, os quais trazem personagens e eventos históricos, além de mapas e globos.

Figura 5: Sala de Desenho do GP



Fonte: HENKEL, 1941.

Figura 6: Sala de História do GP



Fonte: HENKEL, 1941.

Na sala de Geografia (Figura 7) há vários objetos dentro dos armários, a exemplo de uma coleção de bustos étnicos. Na parte de cima das vitrines é possível identificar além dos globos, modelos demonstrativos de tipos de solo e relevo. Destaca-se a coleção de mapas, da qual apenas alguns estão representados nas paredes da sala, podendo ser verificados dezenas deles no inventário feito pelo professor responsável no ano de 1940 (GINÁSIO PARANAENSE, 1941).

Figura 7: Sala de Geografia do GP



Fonte: HENKEL, 1941.

A sala de História Natural (Figuras 8 e 9) possuía uma grande coleção de animais taxidermizados, quadros murais, amostras de insetos e borboletas, amostras minerais e, ainda, esqueletos de pequenos animais em caixas de vidro. Na primeira imagem da sala (Figura 8), destaque para modelos anatômicos: uma mão, um aparelho auditivo, um olho, um esqueleto e um manequim desmontável.

Este último ficou conhecido entre alunos de várias gerações como O Esfolado, pela ausência de pele percebida neste modelo humano. Grande parte desses materiais foi importado da Casa Deyrolle³, fabricante francês de vários tipos de materiais pedagógicos, incluindo mobiliário, coleções chamadas de museu escolar, aparelhos de física, animais taxidermizados etc.

Um questionamento que surge, quando se depara com essa enorme quantidade de objetos didáticos, diz respeito à sua utilização efetiva como recurso pedagógico.

³ Jean-Baptiste Deyrolle e seu filho Achiles criaram em 1831 a Casa Deyrolle especializada em taxidermia e produziam coleções de história natural para cientistas franceses. O neto de Jean-Baptiste, Émile começou a desenvolver materiais de ensino, modelos anatômicos, peças de biologia e murais coloridos, os quais comercializava sob a denominação de Museu Escolar Deyrolle. Mais informações: <http://www.deyrolle.com/histoire/historique-de-la-maison-deyrolle/naissance-la-famille-deyrolle>

Através das fontes escritas e fotográficas não é possível problematizar a utilização ou não desses materiais por professores e alunos. Somente um consistente trabalho de história oral poderia levar a tais informações. O que se pode afirmar é que houve um intenso investimento em materiais pedagógicos, sobretudo entre as décadas de 1920 e 1940.

Figura 8: Sala de História Natural do GP



Fonte: HENKEL, 1941.

Figura 9: Sala de História Natural. Fotografia avulsa, 1946



Fonte: Acervo CM-CEP.

Considera-se pertinente ressaltar que esses materiais foram dispostos para o ato de fotografar. Foram cuidadosamente organizados, tirados de dentro dos armários destacando-se aqueles que estavam em melhores condições. Contudo, a análise das imagens, levantamentos, relatórios e ainda reportagens veiculadas por periódicos locais, evidenciou a valorização do patrimônio material demonstrada pela instituição e também a intenção de transmitir à sociedade curitibana o seu compromisso através do investimento material.

3. A constituição do acervo: problemas e desafios na conservação do patrimônio educativo

O Colégio Estadual do Paraná é a instituição de ensino que permaneceu com o legado do antigo Ginásio Paranaense. Uma mudança de denominação ocorreu em 1942 com a Reforma de Gustavo Capanema, segundo a qual a instituição passa a chamar-se Colégio Paranaense. Em 1943, o nome é novamente modificado para Colégio Estadual do

Paraná, permanecendo essa nomenclatura até os dias de hoje. No ano de 1943 também teve início a construção da sede atual, um complexo arquitetônico, inaugurado em 1950.

Esse colégio é fortemente marcado pela tradição, sendo que sua memória institucional foi historicamente delineada remetendo-se à criação do Liceu de Curitiba, em 1846. Assim, a memória tornou-se um fator importante dessa instituição de ensino, a qual sempre se apresentou à sociedade paranaense como a mais antiga e mais importante escola secundária do estado.

No ano de 2008, após diversas discussões que envolveram membros do colégio, professoras da Universidade Federal do Paraná e da Secretaria de Estado da Educação, pensou-se pela primeira vez na criação de um Centro de Memória. Assim todo o acervo existente – documentos, fotografias, rolos de filmes, livros, materiais pedagógicos e também o patrimônio imaterial – poderia ser adequadamente arquivado e preservado. O projeto ainda se encontra em fase de implantação e esbarra em problemas próprios da administração pública, sendo a falta de recursos o principal deles. Contudo, parte do acervo encontra-se acondicionado e pode ser utilizado por pesquisadores, o que inclui um acervo fotográfico de cerca de 5.000 itens.

Pensando no objeto de estudo aqui apresentado, as salas especiais do GP, foram identificados no acervo vários objetos que compunham tais ambientes. Um exemplo são os materiais do Museu de História Natural, os quais se encontram em estado de exposição permanente no interior do prédio, em vitrines alocadas em corredores do colégio. Essa cultura de exposição da memória institucional pode ser percebida, portanto, em um breve passeio pelo seu interior.

No acervo existem vários quadros murais, derivados de coleções temáticas, produzidos em papel com suportes de madeira, tendo a configuração material muito parecida com os mapas. Uma dessas coleções, voltada para o ensino de História do Brasil ou História Pátria, possuía ao menos vinte itens, o que se constata através da numeração existente nos que restaram. Com ênfase nas experiências republicanas, a coleção traz personagens históricos da Primeira República como Olavo Bilac, Prudente de Moraes e Campos Sales.

Outra coleção de destaque possui o nome de “Quadros para o Ensino Intuitivo”, sendo composta por imagens e textos de espécies vegetais e minerais existentes em solo brasileiro. Essa coleção foi identificada em uma fotografia que contém materiais da disciplina de Geografia. Dentre os quadros da coleção foram encontrados os seguintes títulos: O Cacau, O Fumo, O Coco, O Trigo, Produtos Tropicais e Pedras Preciosas. A coleção está incompleta e foi catalogada⁴ com a data de 1932.

Os materiais de História Natural representam uma parte muito rica do acervo. No relato de Germano Bayer, ex-aluno do GP, que também atuou como professor do Colégio Estadual do Paraná, é possível perceber que a sala de História Natural aguçava a curiosidade dos ginásianos (BAYER, 2009). Atualmente, esses materiais ainda despertam interesse dos alunos, apesar de toda a gama de informações e imagens digitais as quais se têm acesso. Fora os objetos que já estão expostos em corredores (Figuras 10 e 11), outros chegam ao conhecimento dos alunos através de pequenas exposições temporárias organizadas por professores e funcionários da instituição.

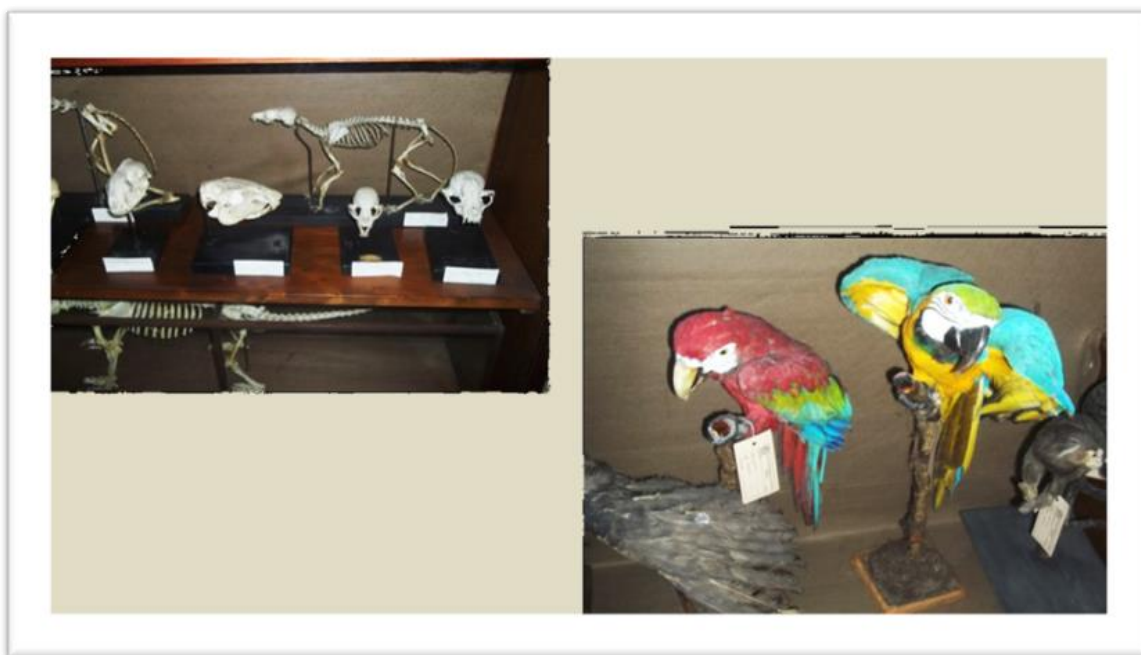
Figura 10: Coleções de insetos. Material sob guarda do CM-CEP



Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁴ Tal catalogação foi feita por funcionários responsáveis pelo acervo da instituição, a partir da criação do Museu Professor Guido Straube em 1979, como homenagem ao lente de História Natural e também diretor do GP na década de 1930, principal responsável pela constituição da coleção de História Natural.

Figura 11: Esqueletos de pequenos répteis e aves taxidermizadas. Material sob guarda do CM-CEP



Fonte: Acervo pessoal da autora.

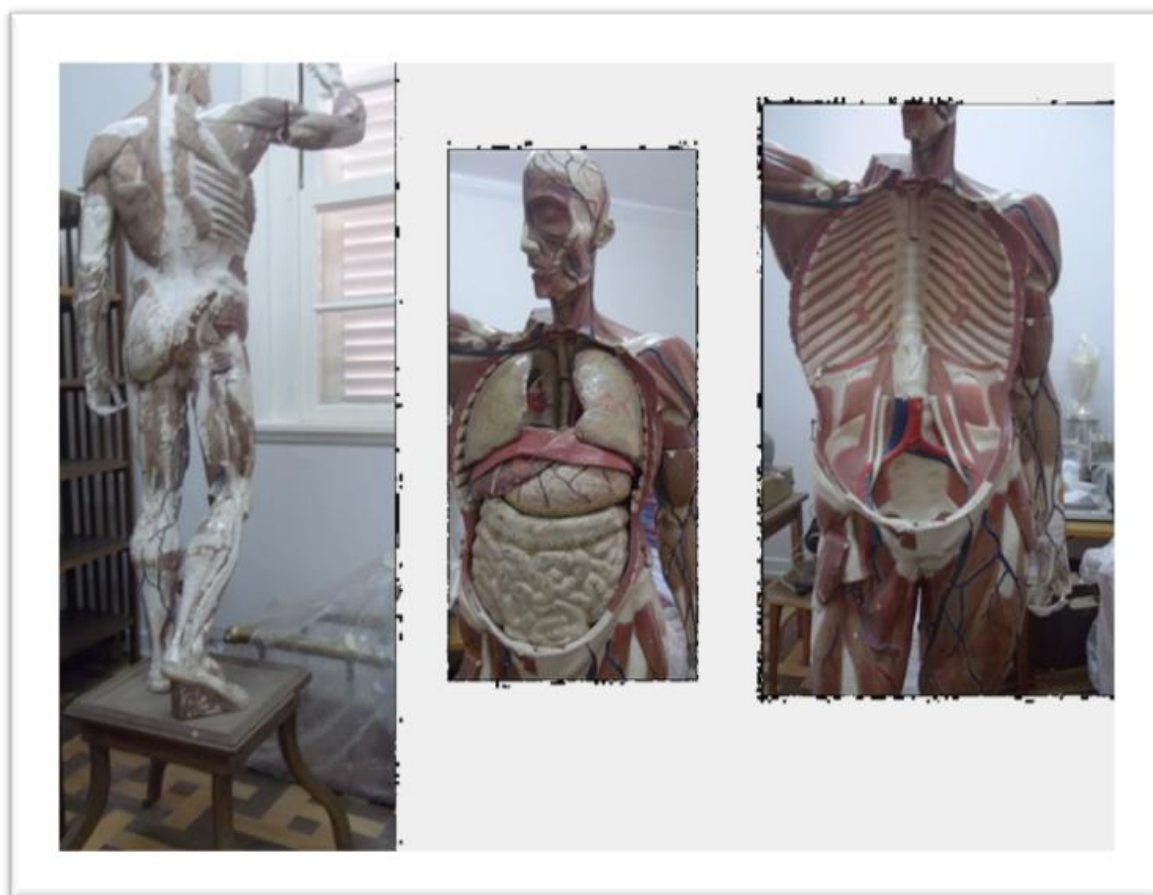
Durante a análise desses materiais expostos foi possível identificar a falta de manutenção do acervo. Na imagem das coleções de insetos (Figura 10) percebe-se a desintegração de parte do material, fato constatado também em relação a outros tipos de materiais, guardados por várias décadas em locais insalubres e sem tratamento. No entanto, considerando a ausência de manutenção, o estado geral de conservação da coleção de História Natural é positivo, se comparado a outros conjuntos.

Uma parte considerável desses objetos de História Natural, hoje estudados na área da Biologia, tinha uma função eminentemente contemplativa. Ficavam expostos em vários armários dentro da sala e eram utilizados como peças de demonstração, sendo importantes para que os alunos pudessem ter contato com elementos da natureza que lhes eram desconhecidos. O interessante é que durante a sua trajetória de existência, tais objetos mantiveram sua função de contemplação, relacionada à sua natureza museológica mantida até hoje.

Um dos materiais que mais chama atenção é o manequim desmontável (Figura 12) apelidado de Esfolado. O nome Esfolado percorreu diversas gerações, sendo constatada sua permanência até a década de 1990, quando este material ainda estava no laboratório

de biologia, de acordo com depoimentos informais de professores do CEP. O manequim possui os órgãos soltos, os quais podem ser retirados e colocados novamente, auxiliando a compreensão de certos aspectos da anatomia humana.

Figura 12: Manequim desmontável. Material sob guarda do CM-CEP



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como dito anteriormente, a maior parte dos materiais de História Natural do GP tinham a finalidade de ser observados. Esse manequim talvez tenha sido um material que serviu aos professores como um objeto minimamente interativo, extrapolando uma função meramente expositiva. Contudo, somente um levantamento de informações mais minucioso, que considere o trabalho dos professores que lecionaram a disciplina, pode revelar detalhes da utilização ou até mesmo a não utilização desse e de outros itens do acervo.

Além da preservação do grande número de materiais existentes, ainda há um sem-número de memórias individuais, as quais constituem o patrimônio imaterial da escola. No momento, não há um trabalho específico de história oral e de formulação de bancos de dados sendo realizado neste sentido. A concretização das propostas idealizadas inicialmente pelo projeto do Centro de Memória poderá efetivar tal tarefa, de suma importância para a memória coletiva.

A pesquisadora espanhola Cristina Yanes Cabrera (2007) alerta para a necessidade de voltarmos o olhar para o patrimônio imaterial da educação. A autora vê tal ação como imprescindível para a preservação da memória coletiva de diversas comunidades, assim, problematiza maneiras e estratégias de conservação e principalmente de divulgação do patrimônio intangível, as quais precisam ser necessariamente diferentes daquelas utilizadas para o patrimônio material.

Entende-se, dessa forma, que a preservação da memória educativa se apresenta como um grande desafio. Existem no Brasil várias iniciativas, geralmente dos próprios pesquisadores da área, em relação à organização e disponibilização de acervos escolares à pesquisa. Contudo, as experiências de preservação e principalmente divulgação do patrimônio educativo, tangível e intangível, ainda carecem de apoio estatal efetivo.

4. Considerações finais

A análise e observação das fontes utilizadas, essencialmente os objetos pedagógicos, as fotografias das salas de aula e os inventários, possibilitou a formulação de algumas conclusões parciais. A primeira delas é que entre as décadas de 1920 e 1940 foi adquirida grande parte dos materiais pedagógicos e formadas as coleções de História Natural, Física e Química do GP, sendo a atuação de alguns professores preponderante nesse sentido. Os nomes de Lysimaco Ferreira da Costa, lente⁵ de Física e Química e de Guido Straube, lente de História Natural, merecem destaque pelo empenho na formação das coleções.

⁵ A denominação “lente catedrático” era utilizada para se referir aos professores que ocupavam as cadeiras, ou seja, que haviam sido aprovados em exame de ingresso ao cargo.

Destacam-se as más condições de conservação de parte do acervo analisado, a exemplo de alguns materiais de História Natural, por não receberem o devido tratamento. O estado de degradação de alguns materiais do acervo histórico é consequência natural das dificuldades enfrentadas pela instituição, a qual exerce um papel de suma importância no contexto da educação pública do Paraná. Manter um colégio de grande porte com oferta de inúmeras atividades extracurriculares totalmente gratuitas já é, por si só, um imenso desafio.

A riqueza do acervo do CEP é inegável, contudo, projetos de preservação e divulgação de seu acervo necessitam de apoio. Esse patrimônio acumulado ao longo de mais de um século, hoje sob a guarda do CEP, não está restrito à comunidade escolar atual, tendo em vista que muitos segmentos da sociedade paranaense possuem direta ou indiretamente uma relação com a instituição.

Sendo assim, a preservação de seu patrimônio arquitetônico, material e imaterial deve ser considerada de interesse público. Nesse sentido, envolver a comunidade escolar, incluindo o grande grupo de pessoas que fizeram parte da história desse educandário, apresenta-se como um dos grandes desafios colocados aos professores e gestores atuais⁶. Da mesma maneira, deve ser tratado o conjunto do patrimônio educativo do estado do Paraná.

Entre os direitos atrelados à concepção atual de cidadania está o direito à memória. Preservar a memória educacional – de escolas dos grandes centros urbanos, escolas rurais, quilombolas e indígenas – deve fazer parte de um conjunto de políticas sociais responsáveis por manter minimamente um elo identitário das pessoas com seu passado. Nessa perspectiva, todas as comunidades podem repensar constantemente o seu passado a partir da memória educativa, reforçando a importância da escola como instituição social.

⁶ No ano de 2015 foi criado um grupo de Amigos do Centro de Memória do CEP, com a intenção de reunir ex-alunos que tivessem interesse em colaborar com o projeto de preservação da memória da instituição. Alguns eventos e encontros de ex-alunos vêm sendo organizados desde então, incluindo a montagem de exposições temporárias.

Referências

BAYER, Germano. **Um adolescente bem orientado**. Blumenau: Nova Letra, 2009.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 95-140.

BENCOSTTA, Marcus Levy. A noção de cultura material escolar em debate no campo de investigação da História da Educação. In: CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez (org.). **A escola e seus artefatos culturais**. 1. ed. São Luís: EDUFMA, 2013. v. 1. p. 21-34.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Planalto, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 set. 2022.

CABRERA, Cristina Yanes. El patrimonio educativo intangible: un recurso emergente en la museología educativa. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 6, p. 71-85, jan./dez. 2007.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13-28, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2125>. Acesso em: 09 abr. 2016.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GINÁSIO PARANAENSE. **Livro de ofícios expedidos pela direção do Ginásio Paranaense**. Curitiba: Ginásio Paranaense, 1928.

GINÁSIO PARANAENSE. **Livro de registro de pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino**. Curitiba: Ginásio Paranaense, 1932.

GINÁSIO PARANAENSE. **Livro de registro de pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino**. Curitiba: Ginásio Paranaense, 1941.

GINÁSIO PARANAENSE. **Livro de registros de publicações oficiais**. Curitiba: Ginásio Paranaense, 1938.

GINÁSIO PARANAENSE. **Material escolar**: carga e descarga. Curitiba: Ginásio Paranaense, 1919.

HENKEL, Armin. **Ginásio Paranaense**. 1941. 55 fotografias. Acervo Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.

MARTÍN, Ramón López. Historia de la escuela y cultura escolar: dos décadas de fructíferas relaciones. Un balance a propósito de la emergente importancia del patrimonio escolar. **Cuestiones Pedagógicas**, Sevilla, n. 22, p. 17-42, 2013. Disponível em:

<https://revistascientificas.us.es/index.php/Cuestiones-Pedagogicas/issue/view/828> Acesso em: 02 mar. 2015.

PARANÁ. **Relatório do diretor geral da Instrução Pública ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública**. Curitiba: [s.n.], 1908.

PARANÁ. **Relatório do diretor geral da Instrução Pública ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública**. Curitiba: [s.n.], 1916.

SALTURI, Luis Afonso. A paisagem paranaense fotografada por Armin Henkel. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 1, n. 4, p. 275-291, 2013. Disponível em:

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/issue/view/134/11>. Acesso em: 02 mar. 2020.

SOUZA, Rosa Fátima. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 103-120, jul./set. 2013.

SOUZA, Rosa Fátima. Preservação do patrimônio escolar no Brasil: notas para um debate.

Revista Linhas, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 7-17, jan./abr. 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013199> Acesso em: 15 out. 2020.

STRAUBE, Ernani Costa. **Guido Straube: perfil de um professor**. Curitiba: Editora Gráfica Expoente, 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 497-518.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 63-82, set/dez. 1995

ZACHARIAS, Mariana Rocha **Espaços e processos educativos do Ginásio Paranaense: os ambientes especializados e seus artefatos**. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

ZANCUL, Maria Cristina de Senzi; SOUZA, Rosa Fátima. Instrumentos antigos como fontes para a história do ensino de ciências e de física na educação secundária. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 22, n. 40, p. 81-99, maio/ago. 2012. Disponível em:

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/6272>. Acesso em: 16 out. 2020.

Recebido em: 21/12/2021
Revisões requeridas em: 10/08/2022
Aprovado em: 22/09/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 24 - Número 54 - Ano 2023
revistalinhas@gmail.com